

Entre 2008-2020: o que se passou e o que esperar de uma tecnociência despolitizada pós-covid-19?

Emerson Freire¹

Resumo

Este ensaio reflete sobre o papel da tecnociência em meio ao surgimento de crises econômicas, sociais e sanitárias.

Palavras-chaves: tecnociência, Covid-19, capitalismo.

Resumen

Este ensayo reflexiona sobre el papel de la tecnociencia en medio del surgimiento de crisis económicas, sociales y de salud.

Palabras clave: tecnociencia, Covid-19, capitalismo.

Abstract

This essay reflects on the role of technoscience in the midst of the emergence of economic, social and health crises.

Keywords: technoscience, Covid-19, capitalism.

253

Era 2010. Em Berlim acontecia a tradicional Bienal da cidade. Entro em uma daquelas salas escuras de exposição. De um lado, via-se um ritual com metralhadoras em punho do MEND (*Moviment for Emancipation of the Niger Delta*), com gritos fortes: "We have declared war on everything White". Do lado oposto, na outra parede, projetava-se o pregão da bolsa de derivativos de Chicago, "coincidentemente" filmado no primeiro dia da crise dos mercados, do chamado derretimento dos mercados deflagrado em 2008. Tratava-se da videoinstalação do artista Mark Boulos, caprichosamente referenciada e intitulada "*All That is Solid Mets into Air*". Impacto imediato,

¹ Emerson Freire é doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas e em Filosofia pela Université de Paris 1 - Panthéon Sorbonne - França, e concluiu seu mestrado em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas em 2002. Realizou pesquisa de Pós-doutorado no Departamento de Sociologia da Unicamp entre 2014 e 2016. Foi ganhador do Prêmio Rumos Pesquisa do Instituto Itaú Cultural em seleção nacional, prêmio este destinado ao fomento de pesquisadores em artemídia. Atualmente é professor e pesquisador no Mestrado em Educação Profissional do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS) e na Fatec Jundiaí, onde coordena o Núcleo de Estudos de Tecnologia e Sociedade (NETS).

freire.emerson@uol.com.br



não pelo raciocínio intelectual consciente, mas pela força das imagens que adentravam a retina, que faziam vibrar o corpo!

Figura 1. Videoinstalação “All that is solid mets into air” – Mark Boulos, cena 1.



Fonte: Fotos do acervo do autor – Bial de Berlim 2010.

A articulação/modulação entre as duas imagens era impressionante. Incomodava e esclarecia. O MEND e a população do Delta não apareciam como “os coitadinhos” da vez, mas como uma força impactante, destruidora em sua debilidade aparente, enquanto o artista captava a decadência e o derretimento acontecendo do outro lado, nos gestos desesperados dos corretores da bolsa, aos berros, atônitos, incrédulos, indefesos ante a catástrofe dos números em *leds* coloridos. Uma conversa intensa se



estabelecia por imagens e sons, por gestos, gritos, números, cifras, mortes, pobreza, riqueza, especulação, fogo e derretimento, em que “tudo que era sólido se desmanchava pelo ar”, como fagulhas das queimadas sazonais.

Toda ciência e tecnologia, de astrofísicos a programadores de última geração, incapazes de antecipar o futuro como desejavam. Como o *Castelo* de Kafka, sempre mais distante, inatingível, relutavam em suas indagações faciais, não menos rituais, em ações descrentes ante a deterioração contempladas nos painéis numéricos, mas que só faziam, de fato, com sua frieza costumeira, atingir mais severamente a aldeia do Delta na outra ponta, ampliando a insatisfação e a revolta. Mark Boulos capta os instantes iniciais do esfacelamento desse castelo, o castelo do mercado abstrato dos derivativos da bolsa de Chicago, ao mesmo tempo em que desnuda a guerra declarada no lado vivo do trabalho, da sobrevivência e da resistência do povo do Delta, cuja potência maior era seu vínculo direto com a terra, ainda que necessitassem se agarrar em facões e armas, devidamente preparadas por seus xamãs.

Como se sabe, uma enxurrada de dinheiro pelos dutos governamentais estadunidenses, tão imorais quanto pretensamente insuspeitos, deslocou-se solenemente para os bancos e prolongaram essa insensatez, sob a indiferença desesperada daqueles que ainda acreditavam ou se aproveitavam dos brinquedinhos fabricados pela famosa escola econômica, aquela de Chicago, e vaticinados alegremente pela Sra. Thatcher e seguidores posteriormente. Sim, outra “coincidência”, a cidade era Chicago, naquele ano de 2008!

O grito estridente que começara em Seattle dez anos antes caiu em ouvidos surdos, mais uma vez. Sim, mais uma vez! E até quando? Questão incontornável para o delírio desbocado daqueles que apelam ao Estado quando o cerco aperta e ameaça seus doces privilégios. Ou tal questão seria mais bem direcionada ao oposto, àqueles que na realidade nem privilégios sabem o que é, que dirá doces? Inércia ou sufoco pela sobrevivência? A esperança parece ainda restrita a um retorno, provisório ao menos, às políticas de bem-estar social.

Mas, o Bem-Estar foi mesmo bem-estar para todos? Ou já era um paliativo keynesiano que se demonstrou insalubre para muitos e conveniente temporariamente aos ávidos pelo luxuriante consumo incontrollável, insustentável? Consumo sem controle e sustentabilidade, dois conceitos insuportáveis e insistentes, que sobrevivem disfarçados por certa criticidade hipócrita. E se o Bem-Estar crendo ser potente não resistiu mais que



quarenta e tantos anos, ainda que com a lambuja do liberalismo clássico sobre si, o que dizer daquele novo liberalismo de Chicago, que estourava sem pudor as suas comportas em 2008, agora sem muito da canja rala herdada das mãos invisíveis e ensanguentadas do mercado de Adam Smith? As rachaduras ficaram visíveis e muitas mãos assustadas correram para remendar o estrago, para estancar os vazamentos com cola-cédulas enfiadas nas trincas, sempre maiores, como em um desenho animado dos anos 1980, em que o personagem cômico usa mãos, braços, dedos dos pés e das mãos, até chega ao nariz, mas sempre uma gota insiste em escorrer.

Muitos do chamado campo progressista saíram às ruas, e aos periódicos jornalísticos e científicos da época, celebrando e gritando aos quatro ventos: Seattle valeu a pena! Vencemos! O novo mundo é mesmo possível e começa agora! Para não perder a memória literária brasileira que vem de súbito, era mais um, agora mundial, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, como resumiria nosso saudoso e subestimado Lima Barreto.

Triste fim de um recomeço da onda extremista e fascista que jazia amoitada, enquanto sorrateira forçava as comportas com o velho discurso conservador, até provocar as enormes trincas, as mais aberrantes, que vão de Trump à Hungria, passando por terras tupiniquins com os costumeiros contornos bizarros de nossa “elite” retrógrada, sempre fincada em algum colonialismo renovado. Uma estranha conexão entre conservadorismo, financeirização da vida, autoritarismo, religiosidade mercantil e investimento tecnocientífico acelerado, emergiu em um dos principais emergentes, o país de Policarpo.

Ano de 2020: uma “gripezinha” desembarca em solo nacional, após alastrar-se mundo afora, de China à Europa, cruzando Atlântico e Pacífico, infectando de ianques à centro e sul-americanos. É a vida de milhões de pessoas que entram em jogo, pelo menos daquelas que merecem esse título de pessoas ainda e que valem um esforço por salvar. As demais, pobres estatísticas apenas, próprias para a publicidade que interessa no momento.

Uma nova crise, mais insuportável para a lógica vigente e que tenta reestruturar-se rapidamente. Escorrer dinheiro diretamente para os bancos não resolve mais. É preciso sanar a fome daqueles que, a bem da verdade, já deveriam não mais aí estar para alguns, colocar em suas mãos um pouco do dinheiro que sorridente iria para os cofres e que em ações especulativas do mercado financeiro se deleitava. Longa negociação para dar tempo de se economizar com mortes decretadas pelo próprio movimento de exclusão construído paulatinamente. Um jogo de cena em nome de uma vida que há



tempos se foi, para salvar outras que realmente interessam. A infecção torna-se uma justificativa conveniente para um morto-vivo invisível da periferia ser enterrado definitivamente. Parece ser uma dor profunda abrir mãos dos dutos funcionais de 2008 e necessitar de uma ginástica discursiva cansativa para, novamente, arrancar mais valor daqueles que pouco valor recebe, daqueles que trabalham até a míngua para sobreviver, enquanto acreditam viver nas poucas horas do dia que lhes restam.

A esperança, sempre ela, desemboca na tecnociência de plantão. Um suspiro de sobrevida viria aos transparentes mortos-vivos e um inflar de pulmão retomaria o fluxo da normalidade exploratória de sempre. Mais uma contradição se dissiparia no tempo. Uma vacina, por favor! Acabemos logo com isso! Voltemos ao nosso cotidiano feliz! Tragam minha "secretária do lar" de volta!

Que lógica é essa que não aguenta uma "gripezinha", ou falando mais corretamente com os fatos reais, que lógica é essa que não aguenta uma epidemia de graves proporções como a covid-19? Que não é capaz de suportar sequer alguns meses sem voltar ao velho tríptico exploração-consumo-dividendos?

Os olhos se voltam, de moribundos de um lado e os reais beneficiários de outro, para o chamado mundo científico, ilibado para muitos, heroico para outros, neutro para boa parte das pessoas que saboreiam um insípido senso comum. A ciência resolverá, as empresas ajudarão, o Estado guiará.

Nunca é demais lembrar a doce e sagaz ironia de Marx, no famoso capítulo Inédito, em que observa que no momento em que a subsunção real do trabalho em relação ao capital se dá, a ciência (com seu "nobre dever para com a humanidade"), passa imediatamente a servir prioritariamente aos interesses deste último. Afinal, tudo que é sólido se desmancha pelo ar.

Ironia pouco explorada por teóricos centrados, principalmente, na importante alienação do trabalho, ela traz uma fagulha fundamental para se pensar outra alienação, talvez até mais profunda, a alienação em relação à ciência e a tecnologia, que hoje se traduziria melhor pela junção dessas indissociáveis palavras, a tecnociência. Autores como o filósofo francês Gilbert Simondon, lá nos anos 1960, sopravam essa fagulha com força, permitindo ver o incrível hiato criado entre a cultura e a tecnociência, subordinada em sua maior parte, em seus mínimos axiomas, aos desejos e deleites das finanças globais. Uma tecnociência que subordina, que escraviza o humano, ao invés de emancipá-lo, ou que é escravizada por ele, é própria



de uma cultura empobrecida, incapaz que é de retirar a escravidão dessa relação, presa que está à ideia equivocada de que progresso técnico é sinônimo de progresso humano. Não por acaso Simondon considera que, principalmente depois da virada cibernética, o pensamento filosófico estava incumbido de estabelecer um liame positivo (não positivista) entre o real modo de existência dos objetos técnicos, para além da mercadoria e seu fetiche, e a cultura, uma incumbência análoga ao desempenhado na abolição da escravatura.

Em outras palavras, uma politização da tecnociência é condição primeira a ser enfrentada para qualquer possibilidade de enfrentar a potência da alienação criada pela forma mercadoria. Mais do que a instrumentalização da ciência e tecnologia aos menores suspiros do mercado financeiro, com seu tecnicismo imperante, o que parece fundamental é a criação de uma cultura técnica em seu sentido mais amplo, que incorpore as potencialidades do humano e as da máquina, em um questionamento constante que troque o “para quê serve?” pelo “como funciona?”. Não se trata de uma simples mudança retórica, mas da possibilidade da construção de outra perspectiva sociopolítica por excelência, em que o utilitarismo (para quê serve?) é substituído pela produção de conhecimento via invenção, do interesse no processo da invenção (como funciona?) em si, o que vem antes do pueril espetáculo mercadológico.

No entanto, é preciso se perguntar, a esperança de uma conscientização mundial, pós-covid-19, nascida do nobre papel da tecnociência, cada vez mais despolitizada porque distante de uma real cultura técnica em seus inúmeros troncos de especialização contínua, incluindo de profissionais da computação aos astrofísicos consultores em Chicago, voltará como em 2008 sustentada por uma ala conservadoramente progressista? Há possibilidades de conscientização de algo quando é o próprio inconsciente o mais atacado pelos aparatos midiáticos e tecnocientíficos, umbilicalmente ligados ao capital financeiro mundial? Um mundo melhor é mesmo possível em tais condições? A covid-19 será mais forte que o colapso de 2008 para tanto? Ou ainda...????

“Questions... only questions...”, como diria o replicante rebelde de *Blade Runner*, inquieto por haverem construído seres como ele, tão sofisticados e “desenvolvidos” e eternos escravos das ações mercadológicas da *Tyrell Corporation*.



Poderia ser outra corporação, não a da ficção, mas, por exemplo, a da realidade do Delta do Niger, que sofria com ações da bolsa de empresas petrolíferas em seu território. O replicante agora é um pescador que troca sua rede de pesca pela faca afiada, batendo-a no peito com força: “eu pesco todos os dias para alimentar meus filhos. Pesquei todo o final de semana, mas não tem peixe. Assim não consigo fazer meus filhos crescerem. Eu vou deixar essa rede e pegar esta faca”.

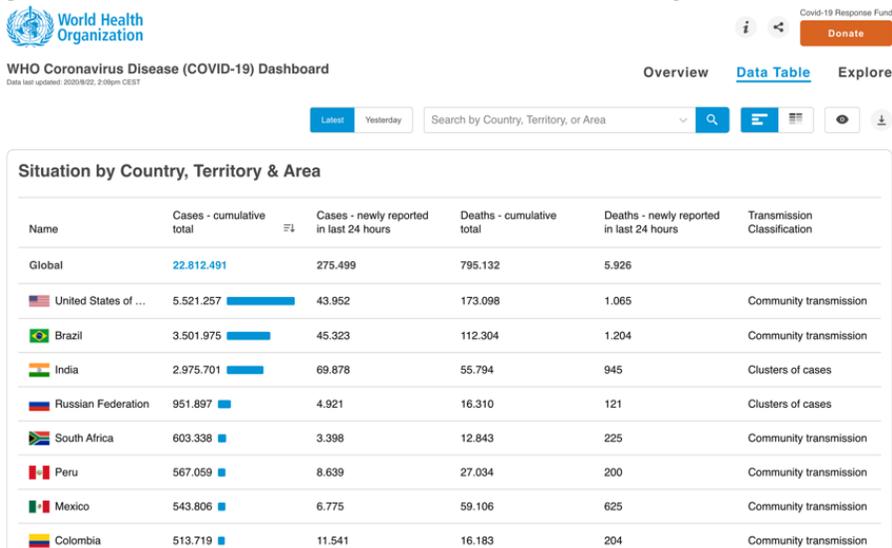
Figura 2. Videoinstalação “All that is solid mets into air” – Mark Boulos, cena 2.



Fonte: Fotos do acervo do autor – Bial de Berlim 2010.

Mas, nós padecemos e padecemos... Bastam os dados oficiais da Organização Mundial da Saúde, referentes à Covid-19, em 21 de agosto de 2020, para finalizar:

Figura 3. Dados oficiais da OMS sobre a Covid-19 em 21 ago. 2020.



Fonte: OMS.

Sim, esse é um texto em que tudo é muito rápido, conforme o momento veloz que se vive hoje, sem tempo para muitas explicações, na vertigem da queda, num soluço interrompido, difícil de segurar o espasmo, o súbito desespero, a fagulha repentina da dor da repetição do mesmo.

Recebido em 25 ago. 2020 | aceite em 15 set. 2020.

